



Perspetiva **Guilty pleasures**

Prazeres com sentimento de culpa não são o meu forte. Mas que eles existem, existem. Há os públicos e os inconfessáveis. Este é bastante confessável. Não numa vã esperança de absolvição, mas pelo puro gosto da partilha. À mesa, pois claro, cumprindo a boa filiação mediterrânica. O meu mais recente *guilty pleasure* chama-se Costumes. É um restaurante simpático, perto da Nova Leiria. O acesso é difícil mas vale a caça ao tesouro. Traz-nos os sabores da tradição portuguesa, dispensando-nos viajar centenas de quilómetros. No primeiro mês serviu Alentejo: jantarinho, açorda, cabidela, poejada, migas, sericaia, encharcada e muito mais - não me perdoe ter falhado a sopa de cação. Em novembro é Douro e Minho: rojões e polvo à minhota, papas de serrabulho, bacalhau à Zé do Pipo, posta de vitela barrosã, pudim Abade de Priscos, aletria, farófias... Tudo com música, vinho da região e decoração a preceito: agora, as toalhas são lenços dos namorados, típicos do Minho, com ditos como este: "Aqui tens o meu coração e a chave pró abrir/ Num tenho mais que te dare nem tu mais que me pedir". Pérolas sobre pérolas. *Guilty pleasure*? Perdoa-se o mal que faz ao corpo pelo bem que sabe ao espírito.

Manuel Leiria



Música de câmara Alcobaça quer ter o melhor concurso do mundo

Ambição Setenta músicos de 12 países tocaram pela vitória no terceiro Concurso Internacional de Música de Câmara de Alcobaça. Uma organização que ambiciona projetar-se no futuro

Manuel Leiria

A poucos dias do fim das inscrições, Loukia, Magdalena e Maciej entreolharam-se e decidiram: "Porque não ir ao Concurso de Alcobaça? Nunca fomos a Portugal, vai ser divertido!". Não se arrependem: "Foi muito entusiasmante. A organização é muito boa e sentimo-nos muito bem cá. Fomos muito bem acolhidos", conta a grega Loukia Loulaki, violoncelista que, com dois

músicos polacos que conheceu na universidade, na Áustria, integra o Trio 92.

Eles são três dos mais de 70 participantes no Concurso Internacional de Música de Câmara "Cidade de Alcobaça" (CIMCA), que decorreu até ao primeiro dia deste mês. Foi a terceira e maior edição de sempre desta ideia que António Rosa, músico natural da Vestiaria, lançou há seis anos à Câmara de Alcobaça. "Fazia todo o sentido", recorda:

"Portugal não tinha - para lá de Lisboa e Porto - nenhum concurso desta tipologia, de formação de câmara e internacional. Alcobaça tem uma importância valiosa, na divulgação e trabalho que tem feito na música nos últimos 30 anos e pela quantidade de músicos de cá que singrou nas mais diversas formações".

A ideia germinou e, a cada dois anos, o concurso cresce. "Está vivo, com força e com uma clara evolução. Este ano mantivemos o número de participantes nacionais e crescemos internacionalmente". Estiveram em competição músicos de 12 países.

O CIMCA pretende realçar a importância e potencial da música de câmara: música tocada por pequenos grupos - trios, quartetos, quintetos -, idealmente em salas pequenas e registo intimista. "Há tantos festivais, temporadas e agrupamentos sinfónicos em Portugal... Não faz sentido não termos mais agrupamentos reduzidos, como há no mundo inteiro. Queremos ajudar a colmatar essa falha", sublinha o diretor.

Os planos e os nervos

António Rosa, atualmente a viver no Porto, acredita que o CIMCA pode voar alto, passo a passo. Este ano foi dado mais um passo, com a parceria estabelecida com um festival de África do Sul. "Contamos alargar as parcerias. Há outra praticamente acordada, noutra continente".

Famosa pelo festival Cistermúsica, Alcobaça pode vir a ter no CIMCA outro motivo de elevado orgulho. Assim se cumpra a ambição do diretor. "Não podemos ter medo das palavras: Alcobaça pode almejar ter o melhor concurso de música de câmara do mundo. Só é preciso ganhar outra dimensão". A cada edição há mais experiência e notoriedade, a que se pretende somar capacidade de sustentação - leia-se financiamento - internacional.

No último dia do CIMCA, sexta-feira passada, a boa disposição disfarçava os nervos dos concorrentes que, na cafeteria, esperavam o anúncio dos resultados na categoria Sênior. Renato Pênedo, do Pulsat Percussion Group, parecia tranquilo. "Para mim é pior o momento imediatamente antes de entrar em palco. Agora já não depende de nós...". Loukia também disfarçava bem a tensão, mas assumia ser aquele "o pior momento num concurso". "Quando o júri começar a dizer quem ganha, vamos ficar muito mais nervosos!". Daí a minutos, António Rosa trazia a decisão: não houve vencedor este ano. Mas a violoncelista grega ficou conquistada: "Gostámos muito do acolhimento, do tempo que cá passámos, da sala muito bonita, da cidade e da simpatia das pessoas. Vamos voltar. Será um prazer voltar a tocar cá!".

manuel.leiria@regiaodeleiria.pt